

O TEATRO DA FAMÍLIA BRASILEIRA OU UMA CRÍTICA TARDIA.

Achei brilhante a maneira como **FERNANDO DE BARROS E SILVA**, Editor-adjunto de Opinião, expôs a questão da telenovela no texto “Sexo, mentiras e telenovela-1”, na tvfolha de domingo, dia 12/07/98, porém, mesmo concordando com o texto, gostaria de fazer dois breves comentários:

a) Quando escreve “A novela é uma instituição da família brasileira”, diria que ela não atingiu tal grau (instituição), pois ainda não consegue normatizar a fragilizada instituição familiar, cuja fragilização não decorre da telenovela, mas que aqui não cabe discutir tal ponto. Porém, poderia apontar que ela apresenta uma tentativa de remodelar, de reformar os padrões da família brasileira, apresentando uma nova estética (nova?) e uma nova ética (nova?) para cada membro da família na comunidade e na sociedade dividida em classes sociais. A pergunta “nova” é porque penso que tanto aquela, como esta, já existiam na sociedade e na família brasileira, porém, veladas ou latentes. Seriam latentes ou veladas? Veladas na elite e latente na plebe. Elite, aqui no sentido econômico-financeiro.

b) O outro comentário que gostaria de fazer é a respeito da mentira. A novela trabalha com a mentira, isso é inquestionável. Embora, esteticamente, em arte não caiba julgamento moral. Trabalha-se com o belo e o não-belo e novela é uma obra de arte. Pergunto: O teatro nunca trabalhou e não trabalha com a mentira? Então, porque o teatro não é, e nunca foi assim tão criticado? Seria porque sempre atingiu e atinge apenas uma ínfima parcela da sociedade brasileira, a qual sempre teve e tem o direito ao seu “laissez faire”? Não quero aqui defender a novela e muito menos, criticar o teatro, é apenas uma questão de coerência. Pois, quando se trata da “mentira” para o povo, ela é duramente criticada como “feia” e quando elitizada no teatro, é aplaudida como “bela”.

Penso que ambos trabalham com a mesma matéria, a “mentira”. Diferenciam-se apenas pela forma. Uma é virtual e a outra presencial. Porém, recebem tratamentos diferenciados pelos críticos da ilusão. Nunca gostei da mentira, pois busco o seu oposto, a verdade. Mas, lendo a sua coluna, fiz esta pequena reflexão. Não sei qual o grau de relevância da mesma, só sei que a fiz. Gostaria de concluí-la com outra reflexão, de um amigo meu: “Para não morrermos de realidade, devemos sonhar”. E, o que é sonho? É uma mentira, às vezes realizável.

Antonio Carlos da Silva
Ocioso e um inútil (aposentado) há 4 anos
Mestrando em Ciência Cognitiva e Filosofia da Mente (Unesp/Marília).
Curitiba, 16/07/98.